



REDATOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 36-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talha-Lisboa • Telefone 5389 O.

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Sempre ambíguos

Há neste país uma imprensa que incapaz, na sua quasi unanimidade, de encarár os acontecimentos com isenção e de comentários ou criticá-los com independência, se permite, sempre que se lhe oferece ensejo, o desfrute de vir a público afirmar que exterioriza não o pensamento de quem a orienta, mas o da população portuguesa.

Forma ela no campo conservador, embora uma parte se diga avançada e, assim, não há naturalmente a esperar de semelhante imprensa uma atitude que não contenda com os interesses e as aspirações do proletariado organizado no sentido económico, atendendo a que este, no seu máximo número, luta pela subversão das actuais instituições económicas e políticas, o que, como é óbvio, é contrário aos desejos de todos os elementos que defendem a presente ordem social, que os órgãos jornalísticos da burguesia tem por missão servir.

Sendo isto assim, e não podendo logicamente ser de outra forma, o que indigna é que jornais cuja tendência é manifestamente pelo existente, pretendam convencer que exprimem as opiniões do povo ao apreciarem os acontecimentos que ocorrem neste país, tam fértil em anomalias, das quais uma das mais pavorosas é precisamente a de existirem jornais que traduzindo, na maioria dos casos, as opiniões das entidades que os orientam — e dá-se até por vezes a circunstância de tais opiniões brigarem com as dos jornalistas que as reproduz e alinhava — não põem rubrica, apesar disso, em proclamar que reflectem o sentimento comum, como se gazetas cujo critério é geralmente inspirado pelos que governam pudessem interpretar e reproduzir o pensamento das multidões, em regra tam distanciado do dos que detem o poder.

Representa um degradante papel a imprensa que não mostra reticência em proceder assim, e pelo povo é ela olhada com antipatia e desconfiança, sobretudo por não ter a coragem das suas atitudes. Mas se pelo povo é justamente olhada com antipatia e desconfiança, pelos governantes e também por muitos elementos sinceramente conservadores não é olhada com menor repugnância, porque aqueles que revelam na maneira como procedem falta de carácter e, como consequência disso, atitudes bifrontes, não podem ter o apelo dos que imperturbavelmente os observam, nem mesmo quando, como no caso sujeito, algum prestar serviços aos representantes das instituições sob os quais se prosternam.

Uma imprensa de tal estofa não tem o nosso respeito, nem tem a consideração de ninguém. É que ela não há ideal, mas interesse; defende princípios, mas conveniências; não batalha, como faladamente proclama, por amor ao povo, mas por sistemática subordinação às oligarquias.

E como a maioria da imprensa, neste país, é assim, mais desaceitada não pode ela estar. A nós, revolucionários, merecem mais consideração o jornal francamente reaccionário que sinceramente combate por ideias regradadas do que a pseudo folhetim que, sem quaisquer convicções, anima-lhe, preta liberdade, que no primeiro sabemos que encontraremos o adversário irreconciliável, mas adversário que sente, enquanto na segunda vamos achar o proselitismo de princípios nunca exaltados, o que é suficiente a levar-lhe todo o respeito que inspira o combatente convicto, o combatente convicto só o pode ser quando é estruturalmente honesto.

De quanto vale neste país a imprensa burguesa, sob o aspecto geral, dá-lo a atitude de grosseira parcialidade com que ela, salvo liadíssimas excepções, tem acompanhado os actuais movimentos corporativos de transportes e mestres. Amputando sistematicamente as notas de origem operária, ao mesmo tempo que assim

procede em relação aos grevistas, dá o mais aberto acolhimento às notas de origem governamental, em muitas das quais se bolsam sobre os grevistas as mais vis insinuações, tendo levado tam longe a deslealdade que até a justa defesa oposta às afirmações governamentais não encontra guarida nas gazetas que antes imperturbavelmente haviam publicado as torpes acusações.

E tendo-lhes sido observado pelos operários que semelhante procedimento era indefensável, objectaram alguns dos jornais que pela forma exposta se haviam conduzido que não tinham obrigação de reproduzir as notas dos grevistas. Sabemos que não tem os jornais obrigação de publicar os escritos que acidentalmente lhes são enviados, mas sabemos igualmente que é da mais elemental correção que o jornal que insere, da sua própria conta ou de conta de outrem, uma acusação infundada tem a obrigação moral de reproduzi-la a defesa, desde que esta seja apresentada em termos dignos.

E o jornal ou jornais que não querem observar estes princípios de correção e de lisura tem que confessar então que estão sistematicamente contrariando uma parte para favorecer outra, e, nesse caso, não poderão afirmar, como alguns capciosamente o tem feito, que mantem uma linha de decorosa independência, que os actos não confirmam, antes devem ter a ombridade de tirar a máscara de imparcialidade que afivelam para se apresentarem tais quais são.

O público tem o direito de exigir desses jornais uma atitude séria. Não é que pretendamos que defendam as greves e os grevistas e que ataquem a classe capitalista, porque isso seria exigir-lhes uma coisa absurda. Tal função exerce-a a imprensa operária, a frente da qual se coloca a Batalha, que toda a gente sabe que veio para defender infatigavelmente o proletariado e atacar com denodo a burguesia. A nossa posição é tam francamente revolucionária que ninguém pode alimentar dúvidas acerca dos nossos propósitos.

Mas já o mesmo não sucede em relação a quasi toda a imprensa burguesa, que na ansia de iludir o público, se apresenta como independente, quando afinal está permanente de cócoras perante os poderosos, sem ter a audácia de exprobrar-lhes as inconsequências ainda quando elas bramam aos ouros.

Um novo petardo
SEVILHA, 8. — No edifício ocupado pela Federação Patronal rebentou um petardo, não causando desgraças pessoais. — Rádio.

FANTÁSTICO!

Procuraram-nos ontem alguns vendedores de jornais que habitualmente exercem a sua missão no Barreiro e em Setúbal, os quais nos deram conhecimento de uma estranha intimação que ontem lhes foi feita pelo capitão de infantaria 23, em serviço na estação do Barreiro.

O excelso varão, cujo nome até agora não conseguimos apurar, mas que deve corresponder ao de um herói, como há muitos agora, fez esta curiosa intimativa aos referidos vendedores: que se, a partir de hoje, levassem a BATALHA para a venda, no Barreiro e na linha através de Setúbal, não só lhes tiraria os jornais, mas também os prenderia!!!

É tam fantástico o dilate que se não tivéssemos ante nós alguns daqueles vendedores a afirmar-nos a sua veracidade suporíamos tratar-se dum gracejo, embora gracejo absurdo.

NOTAS & COMENTÁRIOS

A agonia duma quimera

Assim intitulava o sr. Cunha e Costa um seu artigo, ontem inserto na Epoca. A quimera já se deixa ver e a República russa, Dois agonizante, o regime dos soviets. Lá onde teria o sr. Cunha ido beber esta caixinha sensacional é que nós não sabemos, mas provavelmente receberia a notícia pelo telefone. Facilmente se cre no que se deseja, mas não bastam as crenças para modificar os factos. E o facto é que os soviets medram que é uma beleza. Mestre Wrangel que o diga, se é que não perdeu já de todo a fala.

Um pobre de Cristo

Foram agora avaliados, em Pittsburgh, os bens de Carnegie, o célebre milionário norte americano, há tempo falecido. Ascendem a 24 milhões de dólares, conta redonda. Esta bagatela, traduzida pelo câmbio actual, dá cento e sessenta e oito mil contos. Supunha-se Carnegie muito mais rico, e os resultados da avaliação parece que deixaram desapontados muitos americanos. Pois só cento e sessenta mil contos. Quasi na penúria, o sr. Carnegie.

O «chômage»

A falta de trabalho continua afligindo os operários da região parisiense. São milhares e milhares de braços que se conservam inactivos, quando há tanta coisa a fazer, e quando é tam necessário trabalhar. Maravilhas e excelências do regime burguês. Que dirão a este facto aqueles sábios economistas que não perdem ensejo de afirmar ser a jornada de oito horas insuficiente para as necessidades do consumo.

A eleição presidencial na América

O que dela pensa o famoso Gompers

LONDRES, 8. — Samuel Gompers, presidente da Federação Americana do Trabalho, comentando a eleição presidencial disse que todos os homens e mulheres que olhem para o futuro devem sentir profundo pesar por causa do grande movimento que o povo americano agora faz para as ideias reaccionárias. — Rádio.

Busca misteriosa

Fomos nesta casa procurados por um grupo de camaradas que exercem a sua actividade nas oficinas de fundição do Arsenal de Marinha, que nos disseram que ontem, ao entrarem ali os operários para começarem o trabalho, foram encontrar arrebodados todos os armários que servem para guardar o facho, lanche, etc., o que naturalmente os deixou surpresos.

Mais surpreendidos ficaram, porém, quando, chamada para o caso a atenção do oficial dirigente e dos guardas, aqueles e estes se mostraram igualmente surpresos com o acontecimento, que não souberam explicar.

Negaram os funcionários superiores do Arsenal que houvesse sido mandada passar qualquer busca, operação que é costume ser realizada perante representantes do pessoal. Mas o que não foi explicado, e aqui é que está o mistério do caso, é como foram arrebodados os armários sem que os marinheiros que ali costumam ficar de sentinella dessem por cousa alguma.

E' ainda assás expressivo que os dirigentes do Arsenal, ante o estranho acontecimento, não mandassem proceder a qualquer sindicância, no intuito de descobrirem os autores da proeza, quando é certo que a propósito de coisas de importância muito inferior costumam, sem perda de tempo, mandar realizar inquéritos, que ora reputam dispensáveis.

¿Não seria preferível que os mandantes da coisa tivessem a coragem de tomar a responsabilidade dos seus actos, uma vez que não conseguem iludir ninguém?

A prisão do ferroviário Cebola

O camarada João da Cruz Cebola, guarda-freio do Sul e Sueste, que se encontra preso no calabouço do quartel de sapadores dos caminhos de ferro, e foi vítima das agressões no Barreiro, como desenvolvimentos noticiámos, escreve-nos mostrando a sua indignação contra o facto de ter sido o sub-inspector Taborda quem o denunciou naquela estação, e não o sr. Fuschini, como se propalou, o que deu lugar a este senhor publicar um desmentido no Século de ontem.

Aquele camarada responsabiliza o citado sub-inspector pela sua prisão e pelos prejuízos morais e materiais que lhe causou, não contando com os que tem atingido ferroviários grevistas que também tem sofrido a prisão, porque assim lhe agrada, pagando desta forma os sacrificios e esforços que uma classe como a do Sul e Sueste tem feito, para ter a situação que hoje disfruta.

Em Fiume

D'Annunzio vai alongando as asas...

ROMA, 8. — Anuncia-se que D'Annunzio acaba de ocupar uma nova linha junto a Baccari. No seu comunicado oficial especifica que esta ocupação tem por fim impedir um ataque eventual dos jugo-slavos e assegurar a passagem livre de todos os navios. — Rádio.

UM PROCESSO COBARDE

O VAGOM FANTASMA

Restabelece-o o sr. Granjo, depois de havê-lo formalmente condenado no tempo do ministério Sá Cardoso

Entre as numerosas violências praticadas pelo governo de Sá Cardoso, a quando da penúltima greve dos ferroviários da C. P., destacou-se, como mais indigna e repulsa, o estabelecimento daquilo que os ferroviários classificaram de vagom-fantasma. Neste vagom, que seguia à cabeça dos combóios, meia-se violentamente um certo número de grevistas, sob prisão, para que fossem eles os primeiros a morrer, no caso de desastre, descarrilamento ou choque. A maneira por que pretendia Sá Cardoso solucionar a greve referida, celebrizou tristemente o seu governo. Contra as tropelias, então praticadas nos revoltamos, e não fomos nós os únicos a protestar, porque também na República, onde então pontificava o sr. Granjo, se condenou a maneira de proceder daquele desastrosíssimo governo. Pois o sr. António Granjo, o mesmo que condenava as prepotências de Sá Cardoso, segue-lhe agora as pisadas, demonstrando talvez uma maior brutalidade e uma maior truculência. E o vagom-fantasma, essa odiosa invenção que só os demetados cérebros de governantes portugueses poderiam criar, — o vagom-fantasma é já um facto no Sul e Sueste na Companhia Portuguesa.

Ontem, no combóio n.º 10, vieram de Setúbal os ferroviários, Luís Carvalho, fiel de estação, Francisco Candeias, chefe de estação e o revisor de material António Camacho, os quais transitaram no vagom-fantasma, sendo em seguida enviados presos para Lisboa.

Além destes seguiram no vagom 201, do combóio 19, vagom-fantasma, os ferroviários António Feio, maquinista, Francisco António da Silva, ajudante de caldeireiro e Manuel Nunes, servente.

Os soldados que seguem no cabeçote da locomotiva receberam ordem de fusilar os ferroviários que transitavam no vagom fantasma, se na frente do combóio surgisse algum obstáculo. Esta ordem foi dada pelo capitão Abranches ao oficial que seguia no combóio. Notabiliza-se assim este capitão, o mesmo que agrediu à bofada o ferroviário Cebola, como há dias circunstanciadamente noticiámos.

O restabelecimento do vagom fantasma, sendo sempre um crime, é praticado neste momento, uma infâmia inclassificável. Toda a via está num estado deplorável, em consequência do

No teatro de S. Bento

É apresentado um novo contrato para o fornecimento de trigos

O sr. V. L. Ricciardi enviou ontem à presidência da câmara dos deputados o contrato para o fornecimento de trigo, constante da proposta que, por cópia, a seguir publicamos.

1.ª primeira vista o contrato do sr. Ricciardi oferece, sobre o contrato actualmente em discussão, manifestas vantagens: um assunto destes não se estuda, porém, em poucas horas. Quer-nos todavia parecer que o apresentante deste novo contrato acordou um pouco tarde.

Aparentemente, como dizemos, este contrato oferece vantagens, e de tal quilate que... é caso para desconfiar...

Lembra-nos o «truc» geralmente cultivado em semelhantes emergências: Uma casa comercial ao ter conhecimento da apresentação de uma proposta que pode importar para um con-corrente na praça, respeitáveis lucros, cuida, primeiro que tudo, de apresentar uma outra proposta bem mais sedutora, embora de difícil realização. Esta proposta é discutida, a outra é — claro! — feita esperando o resultado da discussão...

Entretanto, as circunstâncias agravam-se, e o governo, num determinado momento, sente a corda na garganta, a necessidade urgente leva-o infelizmente a uma compra imediata, sem consideração de preço, e... Era o que se pretendia!

Não sabemos se com a proposta Ricciardi se verifica esta hipótese, mas... também não podemos afirmar o contrário...

Eis a proposta:

Por conta e ordem dos meus representantes, cujo nome e endereço oportunamente a designar, proponho a v. ex.ª o seguinte: O fornecimento mínimo de 50.000 toneladas de trigo, de procedência mais vantajosa, e a fixação, prévio acordo.

O fornecimento será mensal, CIF Lisboa e CIF Leixões, cujas quantidades a estabelecer-se pelo Estado.

O preço do trigo será fixado pelo Estado, a quem os fornecedores com 50 dias de antecedência submeterão o custo no base dos preços dos mercados estrangeiros, na ocasião de efectuar a compra.

Os fornecedores garantem o peso específico de 75 quilos à descarga em Lisboa no momento de entrega, e a procedência mais vantajosa, e não garantirão, porém, a qualidade dos trigos da Austrália, do trigo da América do Norte, Canadá, Manchúria, etc., já aqui demasiadamente conhecidos, são superiores e em geral o peso específico excede 75 quilos.

Os fornecedores garantem o peso de entrega verificado pela Alfândega de Lisboa e Leixões, para os trigos da Argentina, da România, do Uruguai, da Austrália, mas desde que a Alfândega proceda à verificação da pesagem total, não por estiva ou estimativa, e a medida da sua descarga.

Para os trigos das outras procedências os fornecedores garantem o peso do embarque comprovado pelo certificado de pesagem dos elevadores.

AS GREVES

Ferrovários do Estado

Nota officiosa

Pelas 14 horas de ontem o Conselho Jurídico da C. G. T., acompanhado pelo secretário geral, foi recebido pelo chefe do governo, a quem oficialmente comunicou que os ferroviários elaboraram uma plataforma para solução do conflito, sobre a qual podia incidir a discussão até se estabelecer um acordo. A essa plataforma e aos intuitos de conciliação dos ferroviários respondeu o governo com as seguintes declarações:

Sobre os decretos, mantêm-se completamente, não os revogando, nem accitando alteração alguma, apenas accitava a comissão indicada no terceiro ponto, para substituir a do decreto 7014. No resto nem falou, declarando que o governo era irredutível em tudo.

Assim, o governo, mais uma vez, acaba de declarar uma intangibilidade absoluta, inutilizando todas as tentativas que se possam fazer para a solução do conflito.

A plataforma que se achava elaborada, e que os jornais de ontem publicaram, admite novos pontos de transigência, que no decorrer da discussão iriam surgindo. Além disto continha as seguintes transigências:

Sobre o decreto de militarização, mantinha a autoridade moral do governo e o efeito produzido por esse diploma, contra os ferroviários; accitava a organização de uma comissão, que atendia os pontos do governo em dar representação ao público, na resolução dos assuntos ferroviários; estabelecia o princípio honesto de submeter a uma conscienciosa revisão todos os diplomas, incluindo os decretos 7015 e 7069, que regulam o funcionamento dos serviços ferroviários do Estado, ficando o governo com a liberdade de poder atender os seus pontos sobre disciplina; na parte monetária, accitava completamente, sem alterações, o decreto 7016, transigindo nas subvenções de 30 a 40 escudos; nas horas de trabalho accitava um número de horas ilimitado, para o pessoal que, ainda as não tem regulamentadas, o que já ao encontro do princípio aprovado pelo Estado e por outras entidades; por último estabelecia um compromisso, pelo qual se conseguiria um sensível aumento de produção, neste momento tam reclamado.

Estas transigências, porém, entende o governo não representarem coisa nenhuma, pois que o seu fim é conseguir a entrega do pessoal ferroviário, sob as imposições que lhe queira fazer. O pessoal que aprecie a resposta do governo, e a sua atitude, e reconhecerá que o movimento tem que proseguir, embora que isso esteja prejudicando o país, isto por o governo assim o desejar, pois que a greve está-lhe a alimentar os seus fins políticos, com o sentimento do público.

Apesar de tudo, continua este comité disposto a discutir a referida plataforma, quando o governo assim o entenda.

O Comité Central dos Ferrovários do Estado.

Vai tudo bem...

Os guindastes da Companhia União Fabril estão trabalhando para os caminhos de ferro do Sul e Sueste na descarga das fragatas para os vagões.

Oito dos camions postos pelo governo ao serviço dos transportes estão avariados. Os respectivos chauffeurs argumentam não saber trabalhar com outros e seis deleijou uma das mãos, estando seis detidos por não quererem trabalhar. Em vista da atitude dos chauffeurs chegaram ao Barreiro oito carros puxados a muires, vindos de Aljustrel para carregar adubos. Numa viagem que fizeram para aquela localidade gastaram quatro dias e na volta, seis.

Estes factos indicam que os serviços na linha do Sul e Sueste correm admiravelmente...

Pedindo a solução da greve

Os presidentes da Junta de Defesa Social e da comissão promotora do Congresso Arqueológico que vai realizar-se no Algarve, pediram ao chefe do governo e ao ministro do comércio que as reclamações dos ferroviários do Estado sejam tanto quanto possível atendidas, a fim de terminar a greve daquele pessoal.

Quem cabritos vende...

Para muita gente é um mistério a vida daqueles que apenas tem, como fonte conhecida de receita, miseráveis cabritos, motivo que leva os camaradas a revoltar.

Al fica a explicação dum caso: Na estação de Penafiel encontrava-se desde 21 do mês p. p. o vagão M-15, carregado de lenha que, destinada a Ermesinde, era consignada ao sr. António José de Almeida, daquela freguesia.

O consignatário, sentindo-se prejudicado com a demora do vagão, procurou promover que se levasse o seu destino, dirigindo-se para tal fim ao factor de 1.ª classe Argemiro de Magalhães Vasconcelos, o qual se prontificou a fazer seguir o vagão... mediante uma esportula de 30\$00. Esses 30\$00, se houvessem sido concedidos, permitiriam ao honesto factor lutar mais uns dias, contra os camaradas que se debatem num combate peritaz por uma honesta remuneração do seu trabalho. E assim se explica que o referido amarelo não haja sentido necessidade de ir para a greve.

Trabalhadores. Lede e propagai

A BATALHA

Ferrovários da Companhia Portuguesa

Nota officiosa

Este Comité declara que, em face dos atentados que se estão dando e que tem vindo a público pela imprensa diária, repudiando por completo tam grave responsabilidade, por atentar contra a disciplina que os ferroviários tem mantido desde o seu primeiro dia de greve.

O pessoal continua disposto a lutar até que lhe seja feita justiça.

Começou ontem a circular o célebre vagom-fantasma, voltando-se, portanto, ao tempo do grande Sá Cardoso, sendo metidos no mesmo vagom que seguiu atrelado ao combóio n.º 7, o nosso camarada Arménio da Silva, reformado da C. P. e o ex-ferroviário José Tavares, que enviaram uma carta a este Comité, queixando-se da infâmia.

Continua a normalização na C. P., mas os combóios de Lisboa ao Porto e vice-versa gastam 22 horas e mais. Tive-se a notícia de que o pessoal tem mostrado boa vontade em solucionar o conflito que tanto prejuizo tem causado aos países. O público, no entanto, vai-se conformando com essa normalização, viajando sem garantia alguma de segurança e correndo todos os riscos, mas... pagando, é claro, a nova sobrelaxa.

— Este Comité protesta contra o facto de alguns jornais não publicarem na integra as suas notas officiais, o que é prova de falta de lealdade. — O Comité Central.

Operários municipais

Reuniram ontem os construtores de macadam, os calceteiros e os jardineiros, para apressarem a marcha do movimento, manifestando-se unanimemente pela continuação da greve.

Fizeram uso da palavra vários camaradas, que enalteceram as classes em luta pela forma como se tem mantido, sendo encerradas as sessões no meio de maior entusiasmo.

Hoje reúnem os jardineiros, no seu sindicato, largo do Poço Novo, 27, 2.º, às 17 horas.

O comité enviou-nos a seguinte nota:

Camaradas: Mais uma vez este comité vos saudá pela demonstração que acabais de fazer à câmara.

Será ela novamente marcada na história do nosso movimento, pois que é a segunda-feira que a câmara tem esperado pela nossa volta, para resolver o conflito, que estranhamos nos serviços de cabeça baixa.

Enganouse mais uma vez e é assim que deveis cumprir, continuando junto deste comité até completa satisfação das nossas justas reclamações, facto este que muito honra quem o pratica.

Teve o comité conhecimento de ter sido expulso da estação de incêndios n.º 31 um camarada, por se recusar a desempenhar o vil e repugnante papel de traidor, imaginando o chefe dessa secção que é assim que se resolve o conflito.

Ontem a nossa comissão de melhoramentos não teve entrevista alguma com qualquer entidade representativa da câmara, no intuito de solucionar o conflito, não sendo isso caso para desanimar, porque nós não devemos abdicar sem que tenhamos o indispensável à nossa alimentação.

Registamos com mágoa a forma de proceder dos nossos camaradas dos cemitérios, por se sujeitarem a trabalhar guardados pela brisa, a fim de os protegerem na tração, que está comprometido.

O vosso comité espera que aguardareis serenamente os resultados de demarques que se irão realizar para a solução da nossa justa causa. — O Comité Central.

Operários alfaiates

Com concorrência superior aos dias anteriores, reuniram ontem esta classe, a fim de apreciar a marcha do movimento.

Lida a nota do Comité e aprovada a acta, apreciou-se largamente o resultado da chamada feita pelos industriais ao seu pessoal, verificando-se que, não obstante os anúncios publicados na imprensa, a concorrência a esta sessão foi fraca, com as vastas salas dos Caixeiros eram pequenas para a comportar, promovendo-se assim que as oficinas continuassem desertas e que a classe, apesar do seu 20.º dia de greve, continua mais firme do que nunca.

Por aclamação foi aprovada uma moção, que conclui por não se retomar o trabalho sem que na integra sejam satisfeitas as reclamações da classe.

Comunicou-se também à assembleia que se encontram no governo civil os camaradas Joaquim Mendonça Júnior e Palmira Campos Costa, sendo proposta uma subscrição que rendeu 27\$45, destinada aos presos da classe.

Esta sessão, que decorreu cheia de entusiasmo, foi encerrada por entre vivas à greve, etc.

Hoje, volta esta classe a reunir, a fim de se tomarem resoluções importantes, no local e hora do costume.

Do Comité recebemos a comunicação seguinte:

Camaradas! O Comité saudá a classe pela forma energética como ontem se soube manter, desprezando por completo o convite das autoridades que pretendiam que a classe fosse na rede do anúncio que publicaram.

Por se sacrificarem até à própria liberdade, foram hoje presos diversos camaradas, não podendo o comité deixar de saudar essas vítimas.

O convite ao trabalho hoje feito, exaltou sobremaneira os mais pacíficos, e é natural que a forma porque os industriais pretendem vencer a classe, de motivo a actos que pretendem civis.

Camaradas! Neste momento, qualquer complacência que possa haver, só revertirá em favor dos nossos inimigos que não pretendem fazer vencer pelo proletariado as suas reivindicações.

E' necessário que a classe se mantenha a postos, aguardando com serenidade a marcha dos acontecimentos, e assim, consciendo da razão que nos assiste, a vitória que hoje tem sido quasi um assunto problemático, é já uma certeza completa e inderrotable, pois que ela nos pertencerá muito antes, até lá que haja muita coragem e confiança. — O Comité.

